

**Antologia de Contos classificados no
36.º Concurso Literário da Universidade de Sorocaba (Uniso)**



A mulher em narrativas

**Denise Lemos Gomes
(Organizadora)**



Antologia de contos classificados no
36.º Concurso Literário da Universidade de Sorocaba (Uniso)

A mulher em narrativas

Denise Lemos Gomes (Organizadora)

1.ª edição

Editora Jogo de Palavras
2017

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Prof.^a Dr.^a Denise Lemos Gomes

Revisão e edição: Prof. M.^o João Paulo Hergesel

Ilustração da capa: Cláudia Vitalle

Ilustrações miolo: Milton Jonas Pereira Martins

Diagramação: Prof.^a M.^a Daniele Oliveira Garcia

Assistente administrativo: Prof. Wilson Vieira

COMISSÃO AVALIADORA

Prof.^a Dr.^a Denise Lemos Gomes

Prof. M.^o Márcio José Pereira de Camargo

Prof. M.^o Marcelo Ramalho

Prof. Dr. Paulo Edson Alves Filho

Prof. M.^o Roberto Samuel Sanches

COLEGIADO DE LETRAS

Prof.^a Dr.^a Denise Lemos Gomes

(Coordenação dos Cursos de Letras da Uniso)

Prof. M.^o Alexandre Blaitt

Prof.^a M.^a Ana Maria G. Gonzalez

Prof.^a Dr.^a Daniela Vendramini Zanella

Prof.^a Dr.^a Denise Lemos Gomes

Prof. M.^o Márcio José Pereira de Camargo

Prof. M.^o Marcelo Ramalho

Prof.^a Dr.^a Maria Angélica Carneiro

Prof. Dr. Paulo Edson Alves Filho

Prof. Dr. Roberto Abdelnur Camargo

Prof. M.^o Roberto Samuel Sanches

Prof. M.^a Maria Angela Oliveira Oliveira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M956 A mulher em narrativas: antologia de contos classificados no 36.º Concurso Literário da Universidade de Sorocaba (Uniso) / coordenação: Denise Lemos Gomes. – Alumínio: Jogo de Palavras, 2017. 82 p. [14 cm x 21 cm]

ISBN 978-85-66626-18-6 (edição digital)

1. Literatura brasileira. 2. Literatura contemporânea. 3. Ficção brasileira. 4. Contos.

CDD: B869.93 | CDU: 82-34

Feito no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados à





Sumário

A louca e a cruz (Pedro Galuchi) | p. 07

Brazilis (Carla Taíssa Laureano Santana) | p.13

Maio nos lábios (Caio Henrique Solla) | p.17

Olhar de Helena (Carlos Bruni) | p.21

Os romances de meu marido (Marinaldo Lima) | p. 23

A espera (Júlio Moura) | p. 29

À terceira margem do rio. (Alamo Pascoal das Neves) | p.32

Como era clichê (Karoline Machado Póss) | p. 35

Era uma vez (Marina Rodrigues Pinheiro do Nascimento) | p. 41

Formigamento (João Fiorot) | p. 42

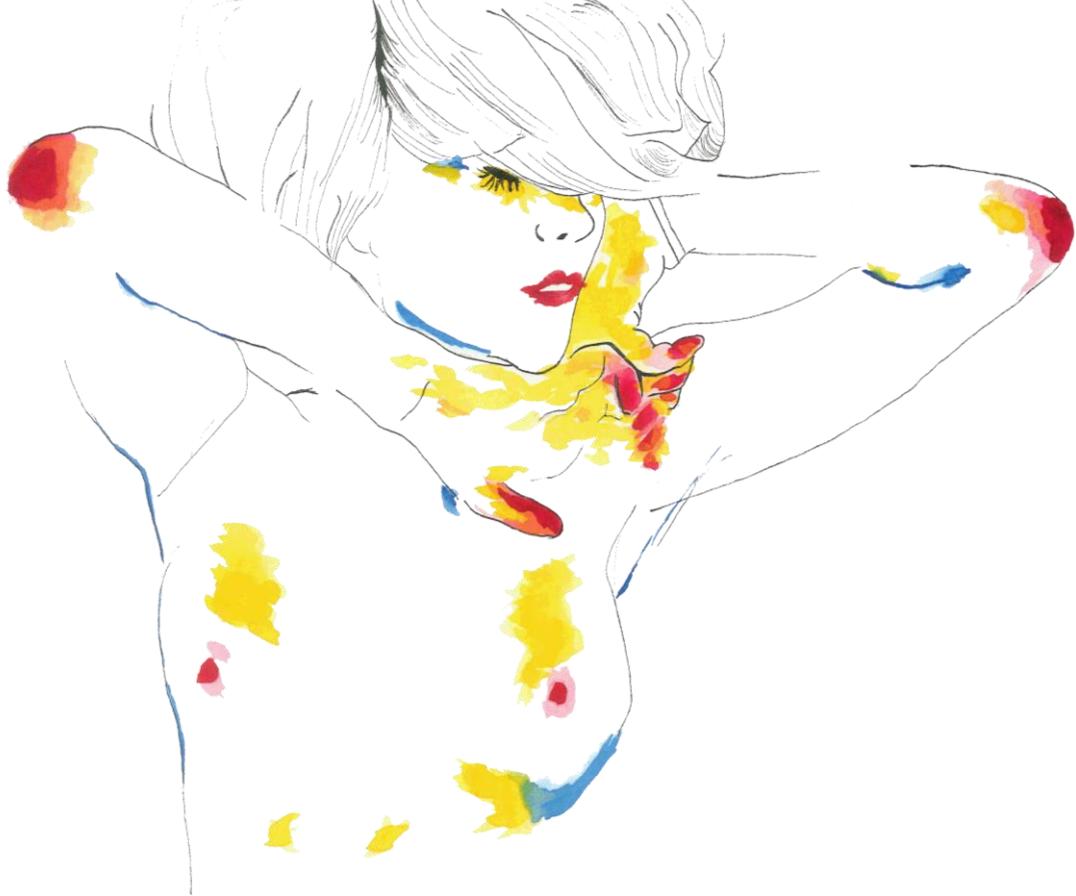
O assalto (Mauro Benedito Fini) | p. 46

O ovo (Marta Barbosa Stephens) | p. 51

Os sentidos de Joana (Cláudia Sendra) | p. 57

Quatro, três, dois, um (Valentina Silva Ferreira) | p. 61

Reencontro em ponto de cruz (Edih Longo) | p. 66



Jonas
Martins
2017

Finalistas

A louca e a cruz

Pedro Galuchi

A conversa em torno da fogueira, na noite enluarada e fria, fazia-se para passar o tempo.

Procurando assunto, um do povo comentou coisa sobre a Louca que passava o dia defronte da velha Cruz da estrada que todos percorriam no vai-e-vem diário do pequeno vilarejo.

A Louca, que entre risos e tristeza lacrimejante, falava coisas a ninguém entender.

Muito se dizia a respeito da Cruz e da Louca.

Caminhava só
Paisagem brota sombria
Uma cruz na estrada...

Durante o dia sua presença tornava a Cruz aterradora.

À noite, a Cruz parecia assustar menos. A Louca afastava-se, como o silêncio da trégua durante a guerra. Talvez fosse sonhar as loucuras do dia seguinte.

Criavam-se muitas lendas em torno da Louca.

Lendas... Ah! As lendas.

Alguns do povo riam das crendices. Entretanto, pelo sim, pelo não, evitavam o lado da estrada, quando avistavam a Louca em sua lida.

“Com essas coisas não se brinca...”, recomendou um.

Persignaram-se quase todos.

Uma cruz na estrada
Sugere muitas histórias
Qual será a verdade

Alguns do povo diziam que a Cruz era dela mesma. Um fantasma, que, ao anoitecer, escondia-se e a suas dores, refugiando-se numa gruta inacessível ou desconhecida.

Bobagem! Afirmava dona Virgínia, vetusta senhorinha, quase segura de si, em sua sapiência octogenária. Garantia que aquela Cruz existia desde os tempos de seus avós e a Louca apenas se apegara a ela. Ao ser indagada sobre quem seria a Louca, esquivava-se.

Sobre a Cruz, ouvira dizer uma homenagem de uma família a um filho assassinado em duelo de amantes da mesma mulher.

Motivo bastante para temerem fosse a Louca a mulher objeto do desejo dos duelantes. E seu verdadeiro amor, a vítima. Por isso passava todos os seus dias, anos a fio, chorando sua alma.

Seu Aparício contava uma história um pouco diferente.

Ouvira dizer que era a Cruz de um escravo. Apesar de bom trabalhador, fora torturado até a morte, suspeito de roubar algo de seu proprietário.

Quem colocara a Cruz fora a sinhazinha Sophia, filha do dono da fazenda e defensora da liberdade. Expulsa de casa, encontraram-na morta ao lado da Cruz. Sua mãe, com a perda da jovem filha, enlouqueceu e desde então vaga por ali na esperança da volta. Para dar mais veracidade a sua versão, garante, de cruzar os dedos, que em noites mais enluaradas um vulto negro, avermelhado de sangue, também pode ser visto vagueando por ali. Nunca vira, mas que viram isso era certeza.

Ao vento bruxuleante
Brilhante facho de luz
Na noite de frio cortante
Iluminava uma cruz

Epifânio narrava o que escutara também de seus avós. A Louca pedira um milagre junto à Cruz que fora colocada ali em homenagem a uma pessoa digna de ser santa. Não se sabia mais, ao certo, se um menino ou um padre. Vivera por ali havia mais de séculos.

O milagre pedido? Também não se sabia. Alguns do povo diziam que nunca ocorreu. Parecia não ser pequeno o pedido. Desses de dificultar o ofício do Santo. Insistente, a Louca permanecia em sua fé que aconteceria um dia. Outros do povo, ao oposto, garantiam que ele obtivera o milagre e vinha diariamente agradecer.

Um acidente! Interveio dona Cândida...

E prosseguiu.... Um casal vinha de charrete pela estradinha. Felizes, traziam seu filho recém-nascido. O cavalo assustou-se com uma cobra e a charrete virou. O homem e o bebê morreram. A mulher colocara duas Cruzes para não se esquecer deles. Uma grande para o homem e uma pequena para a criança. A pequena sumiu com o tempo. Por isso, D. Cândida tinha certeza, de ouvir

dizer, que a mulher conversava com a Cruz grande e ajoelhava-se à procura da Cruz pequena desaparecida.

A Cruz foi posta lá em virtude de uma desavença de dinheiro afirmou, com a segurança do indiscutível, o sério Sr. Áureo. Contou que havia uma herança a ser dividida. Inclusive ouro. Nunca chegaram a um acordo. Depois de uma discussão, um irmão matou o outro naquele lugar. A mãe chorava todos os dias a frente da Cruz... Até morrer. A Louca é seu espírito que vem até hoje. Todos os dias se lamentar.

Desfiaram mais algumas narrativas sobre a origem da Cruz.

Parecidas.
Todas críveis ou não.

Misteriosas lendas
Incríveis e duvidosas
Sombras da verdade

Os relatos venceram a monotonia das horas. Cansados e sem uma conclusão sobre qual seria a verdade da Cruz, foram se levantando, deram-se boa noite e cada qual se recolheu a sua casa.

Em cada cabeça uma diferente versão de uma Cruz cravada na estrada.

Talvez, simplesmente, por acaso ou para servir de referência do caminho em tempo antigo...

A Louca?

Uma sugestão coletiva naquele sertão de um calor de assar o crânio?

De certo mesmo, a Cruz e a Louca permaneciam insistentemente na rotina daquelas pessoas, que crendo ou não, passavam a história de geração em geração.

A Cruz nunca sai de lá... No mesmo lugar da estrada. Não se mexe um milímetro, à espera diária da Louca se rendendo a ela.

Fazem-se companhia e amenizam suas solidões.

Cruzes pela estrada?

Trajectoria tortuosa?

Redenção final!

Brazilis

Carla Taíssa Laureano Santana

Desacreditada. Era assim a situação das mulheres em Brazilis. Se fosse na questão esportiva então, o assunto só piora. Mas Maria continuava firme em seu delirante sonho de se tornar uma jogadora de futebol. Todos os dias ela levanta cedo, toma café, se arruma para as classes, pega sua bolsa com a bola de futebol e a chuteira e sai. Saltitante ela trilha seu caminho em meio a obstáculos, pedras, desvios de rota inesperados, mas sempre chegando ao seu destino final: o campo. Estava mais para uma várzea, bem degradada por sinal, cheirando a terra molhada, mas para Maria nada disso importava. Nada ofuscava o brilho nos seus olhos ao encontrar-se com seu amor, a bola.

E as tardes seguiam longas enquanto a garota corria com sua inseparável amiga redonda. Sempre em meio aos meninos, já que em Brazilis não existe liga para juniores feminina. Aliás, na belíssima terra ensolarada e alegre de Brazilis, futebol ou qualquer

outro esporte feminino são praticamente inexistentes. As profissionais são pouquíssimas, mal pagas, sem patrocínio, com restritas opções de clubes. Uma terra que já viu estrelas brilharem mundialmente não tem o mínimo apoio para suas grandes atletas. As raríssimas que tem a sorte, tentam a vida fora do reino tão lindo e ao mesmo tempo tão opressor. Para ganhar a vida com esporte nem com muita reza. A situação é precária.

Mas o problema não está resumido nas profissionais, a questão é bem mais profunda. O "pré-conceito", que julga antes de sequer conhecer, atinge as mulheres fora das quatro linhas do gramado. Se jogar não pode, que dirá se apaixonar pelo esporte. Assistir futebol? Nunca! Lugar de mulher é dentro de casa. Uma garota gostar do esporte? Que isso! Cruzeis, lugar de menina é brincando de boneca. Andar com garotos para brincar de futebol? Opa, essa aí é estranha. Conversar sobre os jogos do campeonato enquanto pega o ônibus? Atrai olhares de reprovação de quem quer que seja. Mulher no esporte é coisa proibida em Brazilis, só para as mais corajosas que lutam quase como gladiadoras para driblar essas crendices e paradigmas socioculturais. As mudanças andam com passos vagarosos e extremamente sutis neste reino.

E uma dessas gladiadoras é Maria. A pequena jogadora, que sonha ser atleta profissional como nos jogos que vê pela televisão. Hoje o seu pequeno time de Bellator vai para a final do campeonato regional, com sorte, se ganharem, vão disputar com o time do reino vizinho a final. Maria se arruma esperançosa, se alguém de fora do reino a ver jogar bem pode tirá-la dali e lhe dar uma nova vida. Um recomeço, a tão sonhada virada de página. Assim, feliz, a pequena segue com suas chuteiras pelo banco improvisado na várzea. Cheia de planos, sonhos e expectativas. Sentimentos que fazem seu coração pular de emoção em seu peito. A família, radicalmente contra, não veio. Mas não importa, ela iria brilhar de qualquer jeito.

Porém, ao contrário do que ela esperava, seus olhos não se encheram da emoção maravilhosa provocada pelo esporte, mas sim por lágrimas de tristeza. Nenhum de seus sonhos a preparou para aquele dantesco momento. Todos os garotos a olhavam com expressões de pena, de raiva, de compaixão, de certa forma o time inteiro se sentia derrotado. A notícia letal e amarga de que Maria não poderia jogar, time misto não era permitido. Não importava que ela era a maior goleadora da equipe, que era a capitã e que

jogava melhor que muitos dos seus colegas, a pequena teve que engolir o choro e voltar de mãos abanando para casa. Mais um dia de decepção. Mais uma bola na trave.

História parecida com a vida real? Talvez. Qualquer semelhança não é mera coincidência. O reino de Brazilis não está tão longe assim. Enredo cruel e dramático, com nuances de tragédia shakespeariana. Bem-vindos as páginas do livro da vida real.

Maio nos lábios

Caio Henrique Solla

Atraso-me: justo hoje vou falhar com minhas obrigações maternas. Olham-me as horas, ainda dá tempo de tomar o ônibus e pegar Felipe na escola. A caminhada fica para a próxima, falho novamente, agora com minhas imposições estéticas. Minhas. Qual será a surpresa anual. Como se eu me importasse. E me importo: apenas sou desimportante e exporto-me, vendida talvez, quem comprará; não me aguento e não os aguento, mas eu sou mãe e Felipe espera-a, a mãe.

Porque a mãe sou eu, e ela me é. Devo me maquiar no meu dia. Às vezes esqueço que não me pinto mais. Para um resto. Contra o relógio, fico bonita. Fico. Como responder a perguntas tão remotas. Não esquecer: academia, dois litros de água, alimentação saudável. Quer saber, engulo o que vejo pela frente, exceção à regra, Felipe esperará, na coxinha fica uma mancha de batom. O vermelho perdido.

Meu no interior deste ônibus. A necessidade a que. Pois. Há vozes, quem as ouve, senão. Mas sim, são audíveis, carentes de quem as ouça. Ouço-me. Ou a:

— Moça, poderia dar lugar a essa senhora.

— Claro. Estava distraída.

Minto-me, Felipe nasceu, mas ainda não. É que. Há suores e fedores malignos, aquela velha sou eu porventura, desventura, dentadura, futura eu, quem não diria. De. Ele já. Contudo: nós mal. De repente, rio. Fluo, transvio: adeus.

Desço. Felipe se salvará. Olho, embora. Sou a última das mães, um natimorto que. Espero algo em mim, esse eu é apenas um algo. Ele tem os brinquedos que quero, compro-os comprando a ele para que não se deixe levar pelas ideias que vem corrompendo e que almejam transformar a exceção em regra: que orgulho há nisso.

Por isso e. O cigarro, um câncer bem-vindo. Todavia é hoje, data de mim. O terror me pega quando expiro tal crime. Lembro que eu. As crianças passam, felizmente; embora elas me tragam a. Falho mil vezes. Acertarei quando. Agora é preciso resgatar Felipe.

Vejo-o: chama a professora de tia. Estou escondida. Por quê.

Ela responde:

— Eu não sou tia de ninguém. Sou professora.

Rio, torvelinhada no ódio. Até você, professora. Que será de meu filho, não há um exemplo materno para o coitado. Paterno. Ah, professora, sorte a sua eu estar maquiada, que contradição, desenhei-me há pouco, assim, pouparei sua vida, se bem que eu deveria esfaqueá-la, estou mesmo camuflada comigo.

— Felipe, mamãe chegou. Desculpe o atraso, filhinho.

Então. Percebo-me cruel: filhinho é de matar.

Sim, mas ele também me mata. Adivinha o quê. Não: impossível. No meu dia garantido. E ele se vira, meu filho, a pessoa parida a quem tenho de. Para sempre isso. Pois não: Felipe vem com batom vermelho nos lábios. Para beijar a mãe, essa minha personagem. Ósculo nela. Marca-me a bochecha, tarde demais. Acabou. Falhei. Felipe inventa-se.

— Professora. O batom é obrigatório.

— Não, mas o Felipe insistiu. Feliz dia das mães.

— Obrigada. A senhorita já é mãe.

— Ainda não.

— Dá para ver.

Pego o meu filho, vou salvá-lo. Limpo seus lábios. Abraça-me: sim, eu. Quem. As duas não: a verdadeira. É. Vamos celebrar, cortar o cabelo e depois escolher um caminhãozinho para Felipe. Presenteio-o, pois com ele fui presenteada. Acho que estou. Atravessamos a rua com cuidado. Pela faixa, respeitando.

Um corte masculino.

A lojinha. Permito: qual brinquedo escolherá. Ufa. Um boneco de luta: lutar até o fim. Eu venço. Felipe será; já se torna.

E qual delas, felicito-me: somos a mãe de um menino.

Olhar de Helena

Carlos Bruni

Foram tempos tristes. Tempos cinzentos, de homens duros e suas almas corrompidas. A prepotência dominou-os e interesses mesquinhos violentaram a vontade das gentes. Foram tempos de mistérios, de sangue e de nenhuma explicação. Ou de explicações que a eles convinham.

Helena viveu esses tempos. O azul-mar de seus olhos fazia contraponto àquela escuridão. Mas trazia, também, um mistério abissal.

Quando ela chegou à cidadezinha, instalou-se num antigo casarão ao alto da rua de calçamento de pedras pé-de-moleque onde, por horas, debruçava-se à janela numa espera angustiada. Fossem outros os tempos e alguém diria ser ela a musa de algum poeta lá das Gerais.

Não era. A candura de seu olhar confrontava a dor que trazia no peito.

Ela teve, souberam, seu homem arrancado dos braços por figuras sem rosto, sem nome, soturnos como aqueles tempos. Levado dali, nunca reapareceu.

Em seu desespero, Helena bateu em portas, percorreu salas escuras e corredores tortuosos. Questionou, suplicou, sempre em vão. Aos poucos foi perdendo a luta da procura por ideias desaparecidas nos porões dos homens.

Helena postou-se à janela numa longa e vazia espera. Os dias foram caindo folha a folha, e ela sempre debruçada no peitoril. Derramava pela rua a tristeza de seu olhar; os longos cabelos faziam-se de cortinas a emoldurar o rosto alvo e desciam até as bordas dos seios redondos.

O segredo maior aos poucos se revelou. Em seu ventre ficara uma semente que germinou, cresceu e floresceu.

Helena colheu aquela flor, fechou a janela e partiu.

Os romances do meu marido

Marinaldo Lima

Sempre fui uma jovem sonhadora. Como todas as moças de minha época, desejava encontrar meu príncipe encantado e aos vinte anos conheci o Juan. Era um advogado brilhante e também um poeta renomado, com cinco livros publicados. Mas, seu histórico afetivo era trágico, depois de três noivados frustrantes. No primeiro, a noiva trocou-o pelo melhor amigo dele; no segundo a noiva morreu dois dias antes do casório; e no terceiro ouviu um sonoro NÃO diante do altar.

Esta sequência de decepções amorosas quase o levou ao fundo do poço. Bem-sucedido em todas as demais áreas da vida, na questão afetiva ele sentia-se emocionalmente exaurido. Foram nestas circunstâncias que ele me conheceu. Contou-me seu passado e perguntou se eu estava disposta a iniciar um relacionamento com um homem já tão sofrido. No início fiquei em dúvida e senti pena dele. Disse-lhe que era temerário, mas que deveríamos investir em uma sólida amizade.

Contudo, seu jeito simples e seu coração bondoso foram aos poucos me conquistando.

Três meses após nos conhecermos ele mostrou-me o primeiro poema que fizera para mim. Que poema romântico e levemente erótico! Deixou-me rubra de vergonha e ao mesmo tempo cativada pelas palavras doces e excitantes. Ainda com o poema nas mãos, olhei para ele e percebemos o inevitável: iríamos nos beijar! E foi o beijo mais doce e ardente que um casal pode dar no início de um namoro. Passei a chamá-lo de meu Dom Juan.

Outros poemas vieram, deixando-me completamente encantada em ser sua musa por excelência. Depois de quatro meses de namoro, nos casamos em uma linda noite de sábado. A lua de mel foi a mais agradável experiência que uma mulher pode ter e os primeiros meses e anos de casamento foi digno de um conto de fadas. Juan publicou vários livros de poesias; e em todos eles, muitos poemas inspirados em mim. Tornei-me uma musa famosa; porém, sobretudo, feliz.

Contudo, cinco anos depois do casamento, meu marido passou a chegar tarde da noite e desculpou-se dizendo que estava com muito trabalho no renomado escritório de advocacia, do qual

era sócio majoritário. Fiquei nervosa e comecei a ter ciúmes. Depois de aproximadamente um mês, em uma sexta-feira, ele não foi dormir em casa. Telefonou e disse que estava trabalhando. Naquela noite não dormi e fiquei imaginando mil coisas; completamente indignada!

As noites fora de casa passaram a ocorrer com frequência e descobri que ele estava indo para um apartamento que meu sogro deixara no centro da cidade. Quando o questionei, ele finalmente teve que dar explicações. Argumentei que eu não merecia aquele abandono e que estava com saudades dos jantares fora e dos finais de semana na praia. Contudo, resignei-me com o fato de que estava dividindo meu marido. Ele estava envolvido em um romance!

O meu consolo era que nas noites que passava em casa, meu Don Juan me amava loucamente, demonstrando uma grande necessidade de sentir o meu carinho e a minha paixão. Eu não perguntava sobre o romance, pois percebi que ele não queria falar sobre o assunto. Eu tinha a esperança de que aquilo acabasse logo e voltássemos à nossa vida de antes. Porém, mesmo resignada, às vezes eu discutia com meu marido e cobrava-lhe o fim daquela situação.

Depois de um período de seis meses finalmente aquele romance chegou ao fim e nossa vida voltou ao normal. Deixei de ouvi-lo falar em Maria Eduarda. As discussões cessaram. Além disso, fiquei muito feliz com o lançamento do seu novo livro, que foi um sucesso de público e de crítica.

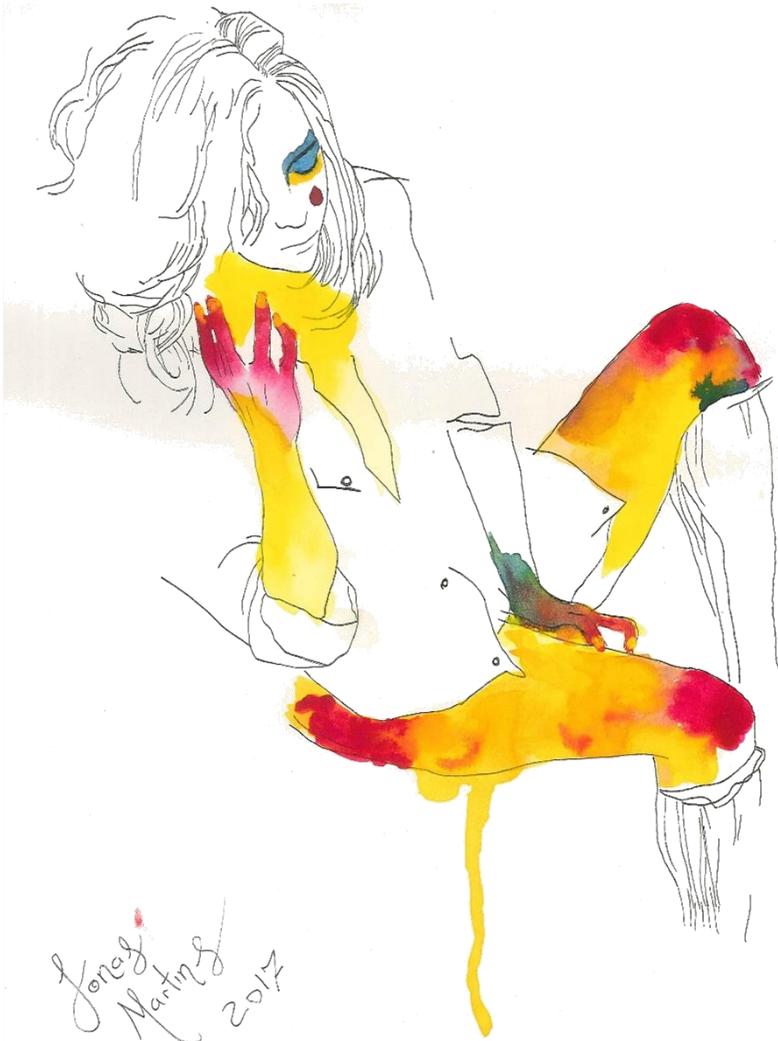
Todavia, no ano seguinte, ele começou novamente a chegar tarde e a dormir fora. Já não fazia poemas para mim com tanta frequência e seu entusiasmo naquele novo romance deixou-me exasperada. Foram dez meses em que eu o vi naquela obsessão por Maria Fernanda. Até dormindo ele falava nela! Aliviada, eu vi o romance chegar ao fim.

Dois anos depois foi um novo pesadelo em minha vida, abandonada por noites seguidas e nos finais de semana. A dedicação de Juan no seu recém-iniciado romance foi tanta, que me deixou tremendamente enfurecida. A razão de ser da vida do meu marido passou a ser Maria Teresa. Foi quase um ano vivendo intensamente aquele compromisso, deixando-me sozinha em casa.

Porém, aquele romance também chegou ao fim e para meu alívio ele disse-me que iria dedicar-se apenas à poesia. Explicou-me que escrevera os três romances como uma purgação para suas

decepções amorosas. Queria se livrar de vez das lembranças de Eduarda, Fernanda e Teresa, as três mulheres que marcaram seus trágicos noivados.

No final do terceiro romance Juan publicou a trilogia completa em uma edição de luxo. Foi um sucesso de vendas! Depois se dedicou inteiramente a mim, escrevendo poemas cada vez mais apaixonados. E eu, Amélia, porém nem um pouquinho boba, retribuo com toda paixão que uma mulher deve dar ao marido, para que ele seja somente meu. Meu Dom Juan passou a levar-me ao apartamento no centro da cidade onde escreveu os romances. Tornou-se nosso novo ninho de amor!



Classificados

A espera

Júlio Moura

Quando é que alguma coisa vai dar certo para a minha família? Quando vou para de sentir essa saudade mansa que me carrega nos braços em cada comezinho de manhã, em que me sinto ainda esperando o retorno do meu marido. Já são 59 anos desde que ele se foi e toda manhã eu tento me esconder da memória, do caminho que a vida tomou, da viagem que levou meu José.

Perdi Toninho, meu caçula atrevido. Perdi minha irmázinha amada na noite de natal. E todo natal me encontro com o vazio, com o medo, com a solidão no silêncio entre um ponto de crochê e as vozes da televisão.

Que família linda Deus me deu. Minhas filhas tiveram filhos, os filhos delas tiveram filhos. Já sou bisavó. Meus netos e bisnetos aliviam essas dores que não param de me atormentar. Ficam perto de mim no natal. Me pedem abraços, me dão presentes e me beijam. Quando eu tive a Regina, minha mais velha, o médico disse:

— Foi uma gravidez de risco. O seu coração não vai aguentar mais uma gravidez.

Tive três filhos. O meu caçula Deus levou. Primeiro para o Carandiru, depois para o reino dos céus, com trinta e três anos. Já tenho oitenta e quatro anos e aquele médico vêm queimando a língua todo esse tempo, se é que está vivo.

Que saudades eu sinto do meu José. Que me tirou de Minas Gerais, que me trouxe para São Paulo e comprou um terreno. E construiu nossa casa com tanto cuidado que estou aqui até hoje. E os vizinhos foram chegando e fomos ajudando a construir as casas deles. O bairro começou a existir. Aqui, quem não me chama de comadre, me chama de madrinha. E já estou cansada de ser madrinha de tanta gente. Eu lá escolhi ter tanto afilhado? É madrinha pra lá, madrinha pra cá.

— Madrinha, minha mãe perguntou se a senhora não tem uma xícara de arroz.

Dei o arroz. Aí outro dia veio sobrinho da Neguita, uma velha amiga que já se foi.

— Madrinha, posso pegar a pipa que caiu no seu quintal?

— Que pipa, moleque?

— Caiu a pipa aí, madrinha. Deixa?

— Olha, eu vou deixar, mas você tome jeito. Se a Neguita estivesse viva, não ia gostar disso.

Eu até que gosto quando alguém aparece de repente, no meio da tarde, para pedir uma xícara de arroz, ou uma muda do meu capim cidreira. Me ajuda a parar de lembrar que as coisas nunca dão certo para a minha família. Se bem que agora parece estar melhorando. Meus netos levando jeito na vida, acertando profissão. As coisas parecem se acertar e eu pareço querer partir para perto do meu José. Que não aguento mais essas dores. Que a doutora Valéria me pede cada vez mais exames e marca consultas cada vez mais próximas umas das outras. Que sinto saudades do meu José, que saiu naquele caminhão, tinha só quatro anos a minha mais velha. Que espero o José até hoje.

à terceira margem do rio

Alamo Pascoal das Neves

teu pai foi ser rio, filha, o que nos fica é seguir também. mas as mãos alvejadas de sabão e fogo de lenha a embrulhar nacos de pão fresco. e a lembrança daquele-cujo qual areia acumulada nos quatro cantos da casa, sedimentos naturais de um rio que corre e transcorre, e não deixa nada senão grânulos de memória reunidos e estáticos, embora ele todo movimento e fluidez. chame o mano, mãe, quero ir pelas bandas de lá não. o mano tem esperanças. vive a danar a goela em gritos de pai. com as costas da colher reparte o de-comer esticado sobre um prato cada dia mais branco. ele acha que deitamos pouco à beira das águas. rio se enche é de céu, mano. não escuta, e perde as metades de seus dias em revista às margens do rio. homem é mesmo bicho bruto, raça mal-ajeitada.

* * *

mas a nódoa cor de carmim sobre o vestido florenfeitado. meu jesus. tão logo um cabra de rosto ignorado ao umbral de nossa

porta. não vim pra criar macho não, mãe, que esse tipo só tem amor aos nossos modos. pois às mulheres cabe o exercício do bicho-homem desde a inauguração dos tempos. desejo não. casam-me.

* * *

meu umbigo num permanente afastar-se de mim, a querer ser outro. em noites de chuva sinto a maldita canoa a rasgar-me por dentro. enjoosa, crua, angulosa. o que tu puseste em mim, diabo-ruim, estou a me fazer em partes. compressas e cuidados frios ao corpo transpirante, estrangeiro. esquecia o tempo quando menina mais nova era às beiras do rio. o mano mais velho trepava feito besta nos galhos da gameleira às minhas costas. eu gostava de aumentar as águas num cavar transversal ao grande curso. concedia-lhe braços e pernas, criava rios-meninos. até que os fluidos transbordam dos veios de mim.

* * *

outra vez o vestido branco sem jardim, agora com os cheiros que o tempo estampa nas coisas. muito me agrada esse teu querer, mana. e aqueles caroços traiçoeiros de rio profundo, sitiados por tão pálida moldura em areia fina à luz de meio-dia. é certo que tu me conheces. o bicho da canoa, duplicado então, alimenta-se dos

meus líquidos à sombra do guarda-sol. grita por ele, filho. nas minhas mãos uma morte toda ela adiada, vida livre dos erros que a consciência faz pesar, carne alva e ignorante. cá estamos, pai, todos os teus aguardam por ti. quero o encontro dos olhos, o confronto dos rios, reflexo dos reflexos até às raias do infinito. mas as águas do curso em duas margens apenas. o ódio a escorrer salgado. vou é pro longe, mãe, quero isso mais não. choram. em meio aos ombros soluçantes de minha mãe alcanço com as vistas a superfície-morta, e me resolvo grata pela certeza de que as águas de um rio seguem aos tetos da terra, correm com as nuvens, e mergulham sempre em lugares outros, distantes. tão belas as maneiras da natureza.

Como era clichê

Karoline Machado Póss

Com seus sapatinhos vermelhos não tão confortavelmente postos aos pés, tudo o que Sky queria era que eles tivessem o mesmo poder que os de Dorothy, da ficção, que os transportaria para casa no momento em que desejasse, apenas por bate-los algumas vezes. Entretanto, esta era a vida real. A sua vida. Em que ela, uma garota que levava o nome do céu, sinônimo de infinito, paraíso e liberdade, vivia tão presa, trancafiada dentro do inferno chamado ofício, com o corpo exausto, pés inchados e uma tremenda crise de enxaqueca a ataca-la no pior momento possível enquanto sua alma, sua verdadeira eu, queria voar para longe daquele lugar tedioso e cheio de regras no qual se encontrava.

Sky, vítima da literatura, é uma sonhadora sem limites que já não mais se encontrava dentro da sociedade em que vivia, sendo obrigada a trabalhar em um local que não lhe trazia agrado nenhum, seguindo uma profissão que não era nem de perto da que havia imaginado para si quando mais nova, mas que aceitava com

gratidão por ser a única porta aberta a ela naquele momento. Pelo menos, com o dinheiro que entrava em sua conta bancária no fim do mês, era capaz de comprar alguns bons livros que devorava nos intervalos da infeliz rotina de trabalho, nas movimentas viagens de ida e volta e nos fins de semana, quando tinha seus únicos momentos de liberdade para poder ser quem ela realmente era. Quieta, sentada na pequena varanda de seu apartamento humilde, com um meigo filhote canino em seu colo e um bom livro em mãos, com os olhos e mente totalmente entregues a ele.

Em sua leitura, Sky se entrega. Sente-se livre, leve, solta, bem, feliz. Chora de vez em quando, sim, afinal, que bom leitor nunca derramou uma lágrima por simpatia a um personagem ou pela emoção sentida em mais um belíssimo final feliz? Sky é dessas e não se envergonha. Orgulha-se de contar sobre seu choro promovido por um livro aos poucos seguidores que conquistou em uma rede social voltada para leitores. Tem prazer em chorar se for pelos motivos certos e este, com certeza, é um destes. Antes chorar por um casamento literário que de estresse pelo trabalho excessivo e insatisfatório. Infelizmente chora por ambos, vez ou outra, mas na

vida nem tudo são flores – ou, melhor, páginas de um romance clichê.

Mas a segunda-feira logo chegava e tinha que voltar para o velho e cansativo programa rotineiro: acordar cedo, colocar o uniforme da empresa, pegar um metrô lotado, chegar ao trabalho já descabelada, suando e com dores para ter que aguentar doze horas de caos interno, com uma mísera horinha de almoço para comer seu arroz com ovo trazido de casa o mais rápido que pode para aproveitar os minutos restantes na companhia de algum livro previamente selecionado e fones de ouvido para substituir o ruído de conversas paralelas pela voz de seus cantores preferidos, sonhando em poder realizar seu sonho, mas logo ter que voltar para a casa no mesmo metrô fedorento, sentindo ainda mais dores, ainda mais suada e mais descabelada que antes. Um banho quente assim que chegava em casa, uma noite na frente do notebook colocando as notícias e séries em dia acompanhada de um prato quente de miojo ou lasanha congelada. Ah, como era clichê!

O único clichê do qual ela não gostava.

Nesta noite, não leu antes de dormir. Estava tão cansada de corpo e mente que preferiu deitar-se mais cedo para aproveitar ao

máximo as poucas horas de descanso que teria antes do próximo dia de trabalho começar. Nesta noite, ela sonhou. Sonhou que estava realizando o seu sonho. Em vez de pegar o metrô lotado, foi de bicicleta ao trabalho, com os cabelos presos em um rabo de cavalo alto e o corpo livre em um vestido tão florido quanto a paisagem por qual passava. Não ia para a velha e feia empresa cinza que estava acostumada, mas para o lugar mais lindo que seus olhos já haviam visto. Sim, aquela editora amada, que publicava seus livros preferidos, com paredes de vidro e estantes bem organizadas que já havia visitado acordada quando ainda estava na faculdade de Letras, na tentativa falha de conseguir um estágio. Era funcionária por lá, atuava como tradutora. Apoderava-se das histórias, lendo-as antes de seu lançamento oficial, fazendo parte da mesma. No intervalo, conversava com colegas de trabalho que compartilhavam o mesmo amor pela literatura que ela enquanto dividiam sucos naturais, pães recheados e sorrisos sinceros. Mas um ruído chamou sua atenção.

O despertador acordou-a com um soco de realidade, lembrando-a que esta não era a sua vida e que precisava levantar para ir ao encontro do maldito metrô ou não chegaria a tempo de

esquentar a cadeira e a cabeça para mais uma reunião sem sentido com um assunto banal que muito bem poderia ter sido resolvido por um simples e-mail, mas que seus superiores teimavam em insistir em desnecessários encontros presenciais.

Sentiu vontade de chorar, de quebrar o despertador e voltar a dormir na tentativa de poder viver pelo menos mais alguns minutos naquela utopia. Mas foi forte.

Levantou-se, arrumou-se como de costume, sorriu falsamente ao olhar-se no espelho, dizendo a si mesma para aguentar firme e forte, mas a sombra negra que reinava em volta de seus olhos chamou-lhe a atenção. Estava tão cansada de sua vida que seu corpo começava a transparecer em forma de olheiras. Pensou em passar uma maquiagem para disfarçar, mas teve uma ideia melhor.

Dirigiu-se até a cabeceira da cama, onde encontrava-se seu aparelho celular. Sem medo, discou o número de sua chefe – que, provavelmente, ainda estaria dormindo por só entrar no trabalho três horas mais tarde que o restante dos funcionários abaixo de si. Ouviu um “alô, Sky?” sonolento do outro lado da linha. Respirou fundo e pronunciou as palavras que sentenciarium sua liberdade

para por fim poder seguir em busca do clichê que tanto aspirava protagonizar:

— Eu me demito.

Era uma vez

Marina Rodrigues Pinheiro do Nascimento

Era uma vez...não, era uma vez não se encaixa aqui. Eram duas, eram três, eram quatro vezes. E ele continuava a espancá-la com os punhos fechados, só para depois fingir que nada acontecia — ela aguentava calada.

Uma escoriação leve. Um hematoma aqui, outro ali. Uma pancada. Crec. Crec. Crec — Ó, meu Deus, por que me abandonaste?

Ela chora. Ele ameaça. Ela corre. Ele pede desculpas.

Tudo melhora — quanto tempo dura sua redenção?

Um gole. Dois goles. Três goles. Perco a conta. O último gole desesperado. O tapa — durou exatas 24 horas.

Maria, isso dá pena.

Pena que não é perpétua.

Formigamento

João Fiorot

Era como o barulho de gravetos estalando na brasa, porém mais próximos e sem a sensação de calor. Alcançando o abajur com muito sono, viu o que estava acontecendo e pulou desalinhando por completo a fileira com milhões de formigas que passavam por cima da cama. Rastejou de costas até uma quina do quarto berrando abafado enquanto observava aquela cena insólita. Os insetos eram tão numerosos e tinham uma marcha tão constantemente infernal que se atropelavam. A junção de imagem e barulho fez com que seu estômago engulhasse e, ali mesmo, na sua frente, no chão do quarto, vomitou a bílis, pois não comia nada há dois dias.

Quando levantou a cabeça, limpando a boca com as mãos – e sujando-as de vômito – percebeu que todas as formigas rumavam para o mesmo lugar. Havia um buraco do tamanho de uma bola de sinuca no canto superior do dormitório. Evidentemente, o fluxo dos insetos que tentava adentrar era maior do que o buraco

comportava e, assim, uma quantidade exorbitante caía para trás em cascatas negras. Tão logo quanto tocassem o chão, voltavam a marchar em direção à pequena brecha na parede.

Quando pôde observar, enfim, individualmente, cada serzinho asqueroso, notou que elas eram mais pretas que o alcatrão e mediam tanto quanto um indicador. Olhando rapidamente, poderia jurar que algumas tinham o tamanho da palma da mão vomitada.

...

Em todo aquele absurdo, pôs-se de pé e olhou para o buraco onde as formigas entravam. Era repulsivo, uma massa negra vinha da janela e passava por sobre a cama e tentava se entulhar dentro daquele orifício escuro. Por curiosidade, debruçou-se para fora do prédio e viu que as bichas saíam de um bueiro e escalavam a parede até o seu andar – o sexto. Gritou da janela questionando se nenhuma alma desgraçada estava enxergando aquela miséria, mas as pessoas reagiram em variações de espanto, pena e ódio – eram 3 da manhã, afinal.

Não sabendo explicar exatamente o que estava acontecendo, sentiu uma enorme vontade de pisar na torrente de formigas.

Aparentemente, o passo gigante não era um problema, pois elas permaneciam indo ferozmente para buraco. Deu outro pisão, dessa vez mais forte e com vontade. Apesar de não sentir nenhuma das criaturas esmagadas, viu que algumas saltaram graças ao impacto e bateram nas suas pernas e na linha da cintura. Contudo, as formigas permaneciam seguindo o seu fluxo para o canto superior do quarto. Era como se alguma magia as atraísse.

Por fim, decidi ir para onde elas estavam indo. Andando junto à corrente de formigas (não saberia dizer se por cima delas ou com os pés entre elas), subiu na cama e apontou para o buraco na parede. Momentos antes do que estava para acontecer, encarou a abertura e a cachoeira de formigas que, agora, caía sobre sua cabeça, passava por cima dos seus cabelos, olhos, nariz e boca.

...

Num ímpeto visceral, apoiou as duas mãos na parede, uma em cada lado do buraco, e enfiou a cabeça ali, notando que a parede se moldou ao tamanho do crânio. A passagem das formigas, porém, ficou completamente obstruída e elas circulavam nervosas em torno e por cima do seu corpo, tentando entrar também. Não vendo nada

e sentindo que o vão a engolia, passou os ombros, braços junto com a cintura, as pernas e os pés. Por fim, sumiu.

...

Os médicos a encontraram no chão do apartamento engasgada com o próprio vômito. Uma seringa presa ao braço esquerdo e um cinto bem afivelado. A colher suja descansava no criado-mudo.

O assalto

Mauro Benedito Fini

Agência número 2 ficava num bairro sossegado, numa rua calma. Seus clientes, porém, eram bons, porque em bairros sossegados sempre moram pessoas ricas.

A Agência não era grande. Apenas 14 funcionários nela trabalhavam, incluindo nesse número o Gerente, “seu” Leme, que era baixo e gordo, com um bigode preto e pequeno florindo sobre os lábios. Como sempre estava com um terno azul claro e uma gravata escura que destoava do terno. Seus funcionários nunca sabiam se ele só tinha esse terno ou se possuía vários ternos da mesma cor.

Nelson Pereira - ou só Pereira, como o chamavam - era o Contador. Sempre preocupado com os problemas da Agência, agora mesmo estava às voltas com uma diferença de caixa do dia anterior.

A Agência só possuía um guichê, onde trabalhava o Caixa, ou melhor, a Caixa, pois era uma moça: Rose. Casada há pouco mais de um ano, Rose conservava ainda a beleza que sempre a

distinguiu de outras moças na Agência. Era loira, com olhos azuis e grandes. Os lábios, sem pintura alguma, pareciam sempre sorrir. Estava com um vestido verde, que dado o seu feitio, realçava as formas do seu belo corpo.

Eram 10 horas de uma bela manhã de junho. Todos os funcionários estavam entretidos em seus serviços. “Seu” Leme consultava a ficha cadastral de um cliente; Pereira, o Contador, cabeça baixa, preocupado com o fechamento da caixa; Rose, atendendo um cliente, contava dinheiro.

Um só cliente, o que Rose atendia, estava na Agência.

Todos trabalhavam e ninguém notou quando um carro parou em frente à Agência e dele desceu um homem e entrou na Agência. Somente o notaram quando ele, com um revólver na mão, gritou:

— Todos quietos; isto é um assalto.

Surpresa geral. Ninguém se moveu, ninguém falou.

O homem vestia uma roupa escura e seu rosto estava semicoberto por um lenço azul escuro que deixava à mostra uns olhos claros e vivos e cabelos castanhos.

— Todos para o banheiro — gritou o assaltante.

Ninguém reagiu. Passo a passo, cada funcionário foi entrando no banheiro.

— Deixe essa bolsa onde está, mocinha. — O assaltante falava com Rose, que pegara sua bolsa preta embaixo do guichê.

— Mas, preciso dela, moço e não vou a nenhum lugar sem minha bolsa — retrucou Rose.

— Deixa eu ver o que há dentro.

Os outros funcionários pararam e ficaram admirados com a coragem de Rose.

Rose abriu a bolsa e mostrou-a ao homem de preto. Dentro, como sempre, havia pente, sombras, espelho, carteira, lenço.

— Pode ficar com ela — disse o assaltante.

Tudo aconteceu tão de repente, que ninguém viu direito como foi. Rose, quando recebeu a bolsa de volta, fechou-a e com ela deu uma pancada na cabeça de assaltante. Todos gritaram. O pânico entrou na Agência e o assaltante correu para fora. A última coisa que se viu e ouviu foi o carro sair em disparada, fazendo muito barulho.

O susto deu lugar ao alívio e todos cumprimentaram Rose pela coragem e pelo seu gesto salvador.

Pegando o telefone, “seu” Leme disse:

— Vou informar a Diretoria do que ocorreu.

Depois de falar alguns minutos ao telefone, onde dissera do assalto e do gesto de Rose, “seu” Leme informou que o Dr. Gustavo, Diretor Superintendente do Banco, viria até a Agência saber direito dos fatos e cumprimentar Rose.

Dr. Gustavo chegou em seu carro e foi recebido na porta pelo Gerente.

— Passou o susto, Leme? — brincou Dr. Gustavo.

— Felizmente, Doutor. Graças a Rose não aconteceu nada.

— Então vamos falar com essa mocinha corajosa.

Atendendo ao chamado de “seu” Leme, Rose foi conversar com o Diretor Superintendente.

— Muito obrigado, senhorita. Hoje, uma parte do nosso capital foi salvo graças a sua intervenção. Em gratidão, quero convidá-la para ser minha secretária particular, uma vez que a minha atual secretária vai se casar e sair do Banco. Aceita?

— Aceito, desde que o senhor acha que eu sirvo, respondeu Rose.

— Então, amanhã você já pode ir para a Matriz encontrar-se comigo. Minha secretária explicar-lhe-á o que deve fazer. Leme, faça uma requisição pedindo outro caixa para cá.

Naquela tarde, quando deixou a Agência, Rose voltou feliz para casa. E tinha razão para ser feliz, pois era agora a secretária particular do Diretor Superintendente do Banco.

Ao chegar em casa, Celso, seu marido, também já havia chegado. Depois do costumeiro beijinho, Celso perguntou:

— Como é, conseguiu a promoção?

— Muito mais do que esperava. A partir de amanhã serei a secretária particular do Diretor Superintendente.

— Fico contente — respondeu Celso passando a mão direita pelos cabelos —, mas você poderia ter dado aquela pancada com a bolsa, em minha cabeça, com menos força...

O ovo

Marta Barbosa Stephens

Quando tomei o caminho da floresta, não planejava fugir. Fui a procura de um lugar sossegado para escrever uma carta. Um canto afastado de qualquer gente onde pudesse me conectar à ancestralidade, ao eu existente antes deste corpo habitado. Essa essência me traria lucidez para escolher as palavras certas, nas conjugações verbais adequadas, sem erros da linguagem nem dos significados. Uma carta é sempre grande responsabilidade. Ainda mais aquela, escrita na superfície escorregadia dos sentimentos contraditórios.

Não era para ser uma carta de amor, nem de rompimento. O esforço era explicar ao meu noivo que era preciso dar um passo atrás para continuarmos juntos. Aquela carta era um convite de reconexão. Voltar algumas casas no tabuleiro, ao ponto antes de sermos tomados por planos de uma casa maior, filhos e férias em agosto. “Amor, meu amorzinho, vamos esquecer os projetos e passar os domingos na cama, fumando maconha e lendo jornais e

digitando ideias para dominar o mundo”. Era preciso usar as palavras com cuidado para não parecer imatura.

Li sobre a floresta no jornal: reserva do que sobrou da Great North Wood, mata que existiu no sul de Londres, com muitas espécies botânicas plantadas pelos romanos, trechos de vegetação densa, cervos, raposas, e garças imperiais. Deixei na bolsa o recorte com o nome da estação de trem onde deveria descer. Entendi perfeitamente quando chegou o dia de ir.

Desembarquei no vilarejo no começo da tarde e antes de atravessar a ruela e me render ao paredão verde, fumei um cigarro no banco da estação. Não sei dizer que tipo de certeza me tomou, mas ali pensei que algo surpreendente aconteceria.

Caminhei desviando das trilhas e ignorando placas, não por um ato de rebeldia, mas pelo desejo mesmo de solidão. Enquanto caminhei, me concentrei em ouvir o rachar de folhas e galhos secos sob meus pés. Vi o vento mover as copas das árvores mais altas, pude ouvir o vento, mas não o senti. Soprava tão alto que ali na minha insignificância, nem um fio de cabelo se moveu. Segui Tateando caules, a sentir o cheiro do que nunca morrerá. Há algo de fascinante em estar no meio de uma floresta. Aquietei os passos

quando avistei a margem de um lago verde e caldoso, imagem tão bucólica quanto irônica. Lugar perfeito para escrever uma carta de desnoivado.

De volta aos meus propósitos, sentei nas raízes altas de um carvalho, caderno e caneta no colo. Esperei. Diante de um lago calmo, ninguém além de mim e daquela vida toda.

Tentei concentrar-me na carta. “Sebastian, meu amorzinho, há uma navalha muito afiada, sempre luzindo, apontada para nossos pescoços...” Rasguei antes que as ideias me levassem ao muito obscuro. Nunca quis assustá-lo. Desejava que minha carta tivesse aquele cheiro de mato molhado e planta germinando. Que minha palavra fosse um recomeço tão natural quanto aquela primavera.

Com o olhar vago de quem caça ideias, demorei a me dar conta daquele peculiar casal de gansos. Ele mordiscava a grama, ela sentada na ribeirinha, pescoço alongado, imóvel, logo entendi que chocava. “Oh primavera imensa”, cheguei a pensar. Uma gansa chocava seus ovos enquanto eu tentava escrever sobre amor. Há sim algo de irônico nisso tudo.

Por muito tempo observei aqueles bichos. Àquela altura, havia esquecido a carta e me concentrava em entender. Uma gansa passa semanas imóvel chocando. Além de esquentá-los, protege os ovos de predadores. Cachorros, raposas, corvos, eu inclusive. Vence dias e noites ali, se alimenta menos, dorme mal. Quando enfim os filhotes nascem, os problemas recomeçam. Frágeis e inexperientes, até um insignificante corvo os tomam pelo bico só pelo prazer de atirá-los ao solo e vê-los despedaçar. Os dois gansos adultos passarão o verão protegendo suas crias, enfrentando raposas e garças imperiais, sem descanso por meses, até que ganhem peso e tamanho. Repetirão isso todos os anos até ficarem muito velhos ou morrerem.

Não duvidem da minha lucidez, tudo naquela tarde foge ao racional. O que me tirou do transe da observância foi o olhar fixo da gansa em mim. Não um olhar ameaçador. Nem temeroso. Aquela fêmea olhava para mim com cumplicidade. Havia um esforço de linguagem. Alguma coisa me era dita, e eu precisava entender.

Então, de alguma forma que não consigo explicar, naturalmente e sem esforço, compreendi as mensagens. Não serei

ingênua em dizer que a gansa falou comigo. Nenhuma palavra foi dita. Mas eu estava absolutamente convencida de entendê-la quando decidi me aproximar do ninho.

Caminhei lenta e silenciosamente. Não foi medo o que senti. Foi outra coisa. Só quando já estava bem perto, notei o macho na grama abrindo suas asas e grasnando com estridência. Tentava me assustar, mas a essa altura eu já estava decidida. Tomada por uma emoção urgente, olhei a gansa com devoção, e ela então levantou-se me deixando ver cinco grandes ovos. Cinco pardos e grandes ovos. Tardei a me dar conta, mas a gansa me ofereceu uma de suas crias. Estava certa disso, e agi com obediência.

O que veio depois não me orgulha. Tomada por tais certezas, peguei um dos ovos e sai correndo como uma ladra que nunca fui. O casal de gansos me perseguiu e grasnou e moveu as asas grandes, mas eu corri rápido, e segui correndo pela floresta, já sem entender o que acabara de fazer. O ovo pesado e ainda morno em minhas mãos não fazia sentido.

Corri, e logo chorei, segurando com força aquele ovo tuíra, em busca de algum raciocínio que fizesse sentido, explicasse minha ação, me perdoasse. Corri até me sentir exausta. Não acho que

desmaiei. Talvez tenha tropeçado. Apenas lembro de me ver caída no chão, o ovo quebrado ao meu lado, minhas mãos sujas, muito sujas. Fechei os olhos na esperança de que as coisas voltassem ao normal, mas isso nunca aconteceu.

Os sentidos de Joana

Cláudia Sendra

Quando Joana se levantou da cama as panelas ainda estavam quentes sobre o grande fogão que ocupava boa parte da cozinha. Ela havia pegado no sono por pouco mais de uma hora. Desde a noitinha esteve preparando duas centenas de doces, encomendados por uma cliente na véspera. Era o dia da entrega e ainda faltava cristalizar, embalar cada chuvisco em sua forminha de papel cor-de-rosa e distribuir pelas bandejas com todo cuidado para não amassar no transporte.

Joana aproveitou que todos dormiam e vestiu apenas um quimono por cima da camisola. O cabelo comprido e grisalho foi preso num coque baixo, coberto por uma fina rede preta. Tinha um bom tempo antes que os demais moradores da casa acordassem. Gostava da amenidade daquela hora, quando as vontades pareciam ser só dela. Preparou para si três dedinhos de café, que despejou num antigo copo de geleia. Enquanto dava pequeníssimos goles, ia organizando a tarefa. Peneira e papel toalha para secar os doces, açúcar, água e essência de baunilha sobre a bancada de fórmica.

Forno aquecido apenas para o açúcar cristalizado ficar seco e quente.

Logo o aroma adocicado invadia a casa e começavam a emergir da calda quente chuviscos de um amarelo alaranjado e brilhante. Grandes gotas suculentas, perfeitas. A cada vez, quatro ou cinco chuviscos eram delicadamente pescados por uma grande escumadeira conduzida pelas mãos hábeis, iniciadas no trabalho quando Joana era ainda menina. Aos onze anos já era babá, em casa de família. Cuidava das crianças menores, varria os cômodos e tirava pó dos móveis. Também lavava roupa e passava, na parte da tarde, quando os filhos dos patrões saíam para estudar.

Foi por essa época que Joana aprendeu a fazer chuviscos. Tudo por causa de uma febre alta que não cedia, e que a levou a vagar pela rua em busca de um farmacêutico que lhe desse solução. Para sua salvação, como costuma dizer, foi encontrada por Dalva, uma senhora conhecida por ser a melhor doceira da cidade. Foi Dalva quem socorreu a garota magricela, semidesmaiada, e a abrigou num quarto desocupado que tinha em casa. Fez com que ela tomasse um preparado de ervas e sopa quente. Tirou a colcha vermelha de crochê que cobria a cama de solteiro, organizou

travesseiros, e agasalhou Joana com chenile, cobertor, e o afeto de uma toalha úmida, que ia molhando, torcendo e recolocando na testa ardente, até a quentura diminuir.

Depois disso, foram raras as noites em que Joana não percorreu os dois quarteirões que separavam a casa dos patrões da casa de Dalva. Não se cansava de observar a doceira retirar do caldo grosso as gotas sinuosas e macias que iriam se desmanchar nas línguas daqueles que tivessem a sorte de experimentá-las. Dalva, por sua vez, precisou de dois meses para convencer o marido a aceitar acolher Joana, que definitivamente ocuparia o lugar dos filhos que eles não tiveram. E foi assim, entre grandes panelões borbulhantes, cheiro de ovo e açúcar, que Joana construiu um ideal. “É quando você quer ser uma coisa, ter alguma coisa pra você”, explicou Dalva. E Joana passou a querer para ela um universo igual àquele, que dava morada a todos os seus sentidos.

Aos poucos foi aprendendo o ponto certo do doce, a diferença entre as caldas usadas no preparo, e o segredo que consiste em usar um pano úmido para fechar o recipiente da massa, para não ressecar. E um dia Joana recebeu ordem para cuidar também da escolha dos ingredientes comprados no armazém, onde

Waldemar trabalhava. Cercado por sacos de estopa com alimentos vendidos a granel, carnes secas e brinquedos de madeira, Waldemar anotava numa caderneta as despesas feitas por Joana - todas pagas sem atraso. Foi na caderneta que, dois anos depois, Waldemar escreveu a proposta numa letra tremida: “Quer casar comigo?” — e deu três opções: “sim”, “não”, “talvez”. Joana marcou “sim”.

Da febre da menina à entrega daquela encomenda, preparada na madrugada, passaram-se quase sessenta anos, Joana contabilizou. Foram uma juventude, três filhos, quatro netos, muitas dificuldades, alegrias cotidianas, uma vida construída lado a lado com Waldemar. E foram essas as imagens que surgiam, entre cheiros, cores e formas, quando Joana sentiu uma forte pressão no peito. Um aperto que já era familiar e bem-vindo. Era saudade de Dalva.

Quatro, três, dois, um

Valentina Silva Fereira

Quatro dias.

Ele cruzou a entrada do metro. Foi nesse preciso segundo que ela o viu, pela primeira vez, embora já houvesse fotos trocadas e horas de videochamada. Mas era a primeira vez que os seus olhos encaixavam em cada centímetro daquela pele cálida. Vinha a sorrir, em passos pachorrentos, a cabeça ligeiramente tombada. Patrícia era forte e não estava preparada para aquela caixa de emoções que se abriu no peito: suspiros mudos esmagavam-se na alma, implorando-lhe que se enrodilhasse nele. Ficaram tão perto um do outro que reconheceu o cheiro que imaginara, tantas noites, ser precisamente assim. Abraçou-o, desesperada, de pálpebras cerradas e um despojo de loucura secretamente revelado no beijo mal dado na bochecha. Dois, aliás. Beijos trapalhões mas tão ávidos de desamparada vontade de mais. Paulo encarou-a e os olhos sinceros mendigaram. Sentiu-lhe os lábios gretados e a língua doce. Sentiu-se inundada de prazeres e juras de amor, como se a felicidade lhe revolvesse as entranhas e as veias e a personalidade de mulher

independente. Não o era ali: antes uma gaivota pousada no mar — livre, porém presa.

Estranhava como poderiam conhecer-se tão bem, embora só se tivessem cruzado há menos de dois meses. Tudo parecia tão premeditado e elaborado que chegou a sentir o abismo da respiração: o medo de se apaixonar tão irremediavelmente que não houvesse mais sentido no resto das coisas. E tinham apenas quatro dias.

O sol queimava as esquinas. Patrícia puxava-o para a sombra porque sabia-o desafeito ao calor. Beijavam-se na subida, indiferentes a quem passava. Havia toques sorrateiros e bordados de afetos em partes adormecidas do corpo. Quanto mais subiam a rua, mais ela se ria e despedia de tristezas deixadas para trás: tão longínquas, que espanto essa indiferença aos problemas. Nele, com ele, as memórias eram agitadas e furiosamente encerradas em paredes feitas de mar. Ficara tudo no mar; exceto ela e aquela vontade absurda de querer acreditar no desassossego dos sentidos, dos arrepios, do calafrio que a encostava à parede. Paulo empurrou-a contra ao muro e ela sentiu-lhe a vontade. Podia tê-lo ali mesmo,

se quisessem. Ela queria; queria tanto que lhe doíam as pernas e o fervor que se sacudia por entre elas.

Chegaram a casa. Viram-na por alto, deixando passar os pormenores para depois: quatro dias eram muitos para analisar a decoração; tão poucos para castigarem as dormências do coração e da carne. Despiram-se numa cama de lençóis brancos e uma claridade que inundava o quarto. Patrícia raramente se despia num palco de tão aberta luz: e não estava nervosa nem agitada nas lacunas da sua autoestima. Deitada, inspirou o corpo por cima do seu e recebeu-o, adormecida numa viagem sem regresso e sensações que não conseguia descrever. Era meio da tarde de verão a chegar ou primavera carregada. De repente, estava de noite e o sono pesava-lhes como as emoções de um dia inteiro. Eram almas jovens, desabitadas ao passo irregular do amor desavisado. Esqueciam-se das horas, do mundo por fora daquela bolha imensa.

Três dias.

Patrícia acordou quase sobre ele. Tudo neles era quase: quase perdidos, quase encontrados, quase enlouquecidos, quase desesperados. Aquela incerteza avassaladora sem o peso dos ses. Tomaram banho juntos, riram na dormência da água quente sobre

as costas; as mãos delas viajantes por um corpo que queria perto de si o resto da vida – quase. Secaram-se os cabelos, os dedos, as gargalhadas vindas da maior sinceridade, as pestanas macias, os abraços provocados. Descobriram o domingo junto ao rio e, num desses rompantes de solicitude que brotavam de Paulo quando ela menos esperava, o rapaz pediu-a em namoro.

— Só até terça — disse-lhe, a voz rouca, desesperadamente honesta.

Tornaram-se namorados, então. De mãos dadas, a segurar todos os clichés amorosos, a dançar pela rua, perdidos na bebedeira das piadas que ele contava, a visitar lugares, o braço dele por cima dos ombros dela, ela inebriada pelo cheiro a tabaco e pela forma mágica como ele segurava o cigarro nos dedos.

Dois dias.

Ela gemeu: o corpo revoltava-se com o tesão do rapaz dentro de si. Apoiou as mãos ao peito dele e abriu a boca numa expressão de vida que corre demasiado depressa. Olhava o céu e via anjos acenar-lhe. Paulo mordida os lábios, deitado na almofada, contemplativo daquele rosto de prazer. Em vaivéns facilmente

cronometrados pelas mãos dele, Patrícia caía aos seus ouvidos, lambendo-os e prometendo que seria sempre sua — quase.

Um dia.

Levou-a ao metro depois da última noite juntos, do último banho partilhado, do último café sentados no beiral da casa. O mais inabitual: não haviam conversas esgotadas, nem graças por compreender, nem silêncios constrangedores. Poderiam partilhar mais cem dias iguais àqueles. Também não havia tristeza; apenas aquele resquício da saudade que sobraria no fim. Abraçaram-se rapidamente; beijaram-se como quem se fosse beijar mais vezes ao longo do dia. Ela afastou-se e sentou-se à janela. Acenaram uma última vez e o vagão deslizou. Patrícia gravou tudo: os olhos rasgados e as rugas de expressão, o cabelo liso, os lábios secos, a pele macia, as mãos atentas, o cheiro só dele: o quase que poderiam ter sido. De cabeça encostada ao vidro, sorriu genuinamente e guardou aqueles quatro dias na gaveta dos mais felizes.

Reencontro em ponto de cruz

Edih Longo

Ainda ouvia a voz impessoal do médico, quando entrei no pequeno Restaurante. Pensei em ligar para uma amiga, mas desisti. Ligar para minha filha, para quê?

Cada um é responsável pelo seu hoje e agora. Esse meu agora é a fruta que colhi de minha árvore. E está podre. Meus amigos e minha filha não são mágicos, apesar de alguns serem médicos.

E, temos que um dia morrer. E para se morrer, precisa-se de doenças, senão serão acidentes ou suicídios.

Sentei-me na cadeira gentilmente indicada pelo garçom. Pedi uma caipirosca e fiquei olhando para o filme de meus pensamentos que insistia em repassar a minha vida inteira, desde que me entendo por gente.

Preciso ficar sozinha e me reencontrar. Colar os pedaços que ficaram perdidos pelo tempo. Lembrar-me de pequenas coisas para levá-las em minha bagagem.

O bom de morar em uma megalópole é que você é um anônimo. Ninguém irá lhe perguntar o porquê de uma lágrima que

teima em rolar. Quem se questiona a respeito do sofrimento alheio? Talvez, alguém note a pequena gota e prosaicamente depois de uma dentada num saboroso frango, pense: coitada!

E, mesmo sem querer, as perguntas apareciam aos meus olhos cobrando-me como se fossem cartazes de uma grande passeata em plena Paulista.

Por que não fui antes fazer os exames? Ou melhor, por que fui fazer os exames? A melhor coisa seria não saber de nada e, simplesmente, morrer. Mas há mortes e mortes. A minha será sem hora marcada, pois não sou suicida.

E se fosse, seria uma mulher-bomba que explodiria em pleno Congresso Nacional no meio de uma sessão lotada de ladrões do colarinho branco, pensei com maldade olhando distraída para a tela da TV a minha frente. Não será súbita, pois o coração está ótimo. Será lenta. Dura. Cruel.

Preparo-me para pedir outra caipirosca, quando uma voz saída de meu filme particular, perguntou:

— Posso me sentar?

Olho para o garoto a minha frente e tenho um estremecimento involuntário. Marcos é o melhor dançarino da

turma. Está sempre em bando. Namorador, ou melhor, conquistador! Olhava uma menina e logo mais a gente já o via agarrado a ela. Temos respectivamente, eu quatorze e ele dezesseis anos de idade.

Fiquei tão atônita que apenas balancei a cabeça em sinal de sim e ele com aquele olhar encantador, sentou-se.

— Quer dançar?

— Não sei dançar, desculpe.

— Mas escreve maravilhas. Admiro quem sabe brincar com as palavras. Li sua crônica no jornalzinho e achei demais. Quem escreve assim não precisa saber de mais nada, muito menos dançar.

Senti o meu rosto queimar. Devia estar vermelha como um tomate maduro. Não consegui balbuciar nem um “muito obrigada”. Que idiota!

Levante-se. Eu ensino. É fácil. Veja, coloque os braços em meu pescoço. Isso. Eu coloco os meus em volta de sua cintura. Agora é só acompanhar a música. Quando percebi, já estava encantada. Não me largou mais a noite toda. Acompanhou-me até à porta do salão quando fui embora e marcou uma sessão de matinê para o dia seguinte.

Não dormi a noite toda pensando naquilo. Será que aquilo era namorar? Preciso perguntar para alguém mais velho. Ah, deixa para lá. Amanhã ele nem vai se lembrar da matinê.

No dia seguinte e nos dois anos posteriores estávamos sempre juntos. O mulherio me olhava com ares de poucas amigas, mas enfim, eu estava namorando o Marcos Fernandes: o galã do Colégio.

Um dia, papai nos comunicou que estávamos de mudança para São Paulo, pois seria transferido. Nunca mais vi o meu primeiro amor e, como dizem, a gente não se esquece dele mesmo.

Casei, tive filhos, tenho dois netos e, recentemente, fiquei viúva. Lembrei-me de meu marido e sorri para ele em mente, implorando para que venha me buscar o mais rápido possível. Nego-me a fazer quaisquer tratamentos. São muito invasivos. A gente sofre e depois morre do mesmo jeito. Prefiro me afogar num copo de bebida e nas minhas próprias lágrimas.

Senti uma rolar quente. Pedi outra bebida ao garçom e fiz o pedido do que iria comer. Levantei-me para ir ao banheiro refazer a maquiagem. Devia estar horrível!

Quando voltei, um senhor me deu a passagem e perguntou:

— Posso me sentar?

— Desculpe-me, mas prefiro ficar sozinha.

— Acho que não. Senão, não teria chorado agora a pouco. Faz bem conversar um pouquinho sobre o problema, principalmente, com um estranho, não acha?

Novamente senti um rubor me deixando vermelha como um tomate, só que desta vez, mais do que maduro. Indiquei com a cabeça que podia se sentar. Ele ficou sorrindo e balançando a cabeça.

— Maria Eduarda, você continua a mesma menina ensimesmada e alheia a tudo o que lhe cerca. Parabéns! Tenho acompanhado a sua carreira e...

Num segundo todo o meu passado de quarenta anos veio à tona e, sem quaisquer vacilações, abracei o meu primeiro amor como se tivéssemos nos visto ontem na sessão de matinê de um cinema do interior.

Sorrindo mostrou o meu livro com a dedicatória. Eu tinha feito uma sessão de autógrafos na noite anterior numa Livraria e ele não tivera coragem de se apresentar. Há quarenta anos, tínhamos nos despedido com lágrimas nos olhos e juramos que manteríamos

contato. Perdemos-nos em várias esquinas. E sentimentos existem para serem regados com a mútua presença.

Descobriu meu paradeiro apelando para minha editora. Foi mais fácil que tirar sorvete de criança, disse com o seu sorriso matreiro.

Diante daquele sorriso, esqueci-me de minha sentença de morte; enfrentei o tratamento adequado e, passados dois anos, estamos abraçadinhos na varanda de nossa casa, amando-nos mais do que antes, pois agora temos contatos físicos que naquela época nem pensávamos em ter.

E entre uma taça de vinho e um beijo, gritamos sempre juntos com Vininha que continua nosso ídolo: “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”.

Bordei essa frase em ponto cruz para eternizarmos o nosso reencontro e pendurei na parede de nosso quarto.

E que arte, poetinha, que arte é essa vida!



Sobre os autores

Alamo Pascoal das Neves

Fotógrafo e estudante de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC), atualmente bolsista do projeto de graduação “Leitura e Produção de Textos Acadêmicos para Graduandos em Letras: Escriba”. Tem contos publicados em livros e revistas, além de fotografias expostas em eventos de seu estado.

Caio Henrique Solla

Autor dos livros *Bandarilhas* (Patuá, 2013), *Salinger* (Penalux, 2015) e *Pensa que tive dedos ágeis* (Penalux, 2016), Caio Henrique Solla nasceu em Sorocaba, no dia 7 de maio de 1993. É graduado em Letras: Português e Inglês pela universidade de Sorocaba, onde também atuou como monitor do Laboratório de Línguas. Foi estagiário na rede municipal de Sorocaba pelo projeto Alfabetização e Letramento, e também professor do Estado. Participou de dezenas de antologias e concursos literários, tendo sido premiado em diversos deles.

Carla Taíssa Laureano Santana

Nascida em Santa Catarina, estudante de Arquitetura e Urbanismo na UFPR e Jornalismo na UNINTER, desenhista, aspirante a escritora e colunista, participante de concursos literários com algumas menções honrosas no currículo.

Carlos Bruni

Carlos Brunno Silva Barbosa nasceu no dia 07/05/1979, em Barra do Piraí/RJ, tornou-se poeta quando residiu em Valença/RJ, é professor de Português na E. M. Alcino Francisco da Silva, na região rural de Teresópolis/RJ e promove e participa de eventos em diversos lugares do Brasil. Além disso, tanto o escritor quanto seus ‘escritores-alunos’ já ganharam concursos literários nacionais e internacionais. É autor de 9 livros. Também é o organizador-criador do Sarau “Solidões Coletivas”, de Valença/RJ, e autor do blog “Diários de Solidões Coletivas”

Cláudia Sendra

Cláudia Sendra é publicitária e mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É professora dos cursos de graduação em Jornalismo e Publicidade, e de pós-graduação da Universidade Veiga de Almeida e do Instituto Europeo di Design (IED Rio). É Psicoterapeuta Corporal em

formação, pelo Instituto Brasileiro de Psicologia Biodinâmica.

Edih Longo

Edih Longo é professora de Linguística e de Língua Portuguesa formada pela USP (Capital). Aposentada, dedica-se a escrever e atuar em Teatro Amador.

João Fiorot

João Oliveira é português. Encontra-se neste momento a concluir um mestrado em linguística. É um entusiasta de línguas e culturas. Já aprendeu hindi na Índia, persa no Irã, russo na Rússia e vai estudando activamente outras línguas. Além disso, dedica-se à música, compondo, escrevendo, tocando e cantando, assim como ao desenho.

Júlio Moura

Júlio Cardoso Moura, 33 anos, natural de Sorocaba. Estudante de letras da UNISO, cursa o 3o semestre. Músico profissional há dez anos formado pelo Conservatório de Tatuí em canto MPB/JAZZ. Como cantor e compositor, gravou discos e fez shows em todo o estado de SP. Trabalha em seu primeiro disco solo: "Em Frente".

Karoline Machado Póss

Curso Letras - Português e Inglês na esperança de um dia trabalhar com o que gosto: escrever. É um amor

antigo, que desenvolvi desde cedo, quando ainda pequena rabiscava cadernos com pequenos poemas que perderam-se com o tempo. O sonho, entretanto, só cresceu. Aos 19 sou blogueira já há um tempo, feliz por poder ter um lugar só meu para falar abertamente sobre tudo o que eu gosto e ainda ter conquistado um pequeno público que simpatiza com meus escritos.

Marina Rodrigues Pinheiro do Nascimento

Ariana de 1996. Acadêmica de medicina que às vezes dá uma de escritora e se acha a poetisa. Uma das fundadoras do Blog com V. Cinéfila insuportável. Problematizadora nata. Leitora compulsiva. Fotógrafa sem talento. Tem quase certeza que não sabe desenhar, ainda que tente. Embora às vezes na lua, reside em Belém do Pará.

Marinaldo Lima

Natural de Jaboatão, filho de Manoel e Marina Lima. Casado com Alcione Lima, é pai de Anália Rebeca e Areli Suzana. Formado em Administração pela UFPE, em Teologia pelo STBNB e História pela UFRPE, com Pós-Graduação em Ensino de História das Artes e Religiões. Professor da Escola Santo Inácio de Loyola-Olinda e pastor da Igreja Batista em Sítio Novo-Olinda. Os primeiros prêmios literários foram na Biblioteca de Afogados-Recife. Depois foi premiado e selecionado em concursos literários nos

estados da Paraíba, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Marta Barbosa Stephens

Marta Barbosa nasceu no Recife, mas mora na Inglaterra. É jornalista, com especialização em edição pela Universidad de Barcelona e mestrado em crítica literária pela PUC – SP. É autora de Voo Luminoso de Alma Sonhadora (2013, Intermeios) e Desamores da Portuguesa (ainda não lançado).

Mauro Benedito Fini

72 anos, aposentado, formado em Filosofia pela PUC/SP, Pós-graduado em RH. Casado há 49 anos, 3 filhos, 5 netos. Mora na “Chácara do Seu Mauro”, em Bofete/SP. Autor de contos, crônicas, poesias e peças teatrais, com trabalhos literários e técnicos publicados em revistas especializadas e jornais. Ganhador de concursos literários com contos e micro contos. Palestrante sobre temas motivacionais e literários. Gosto muito de ler, possuindo uma biblioteca (“Biblioteca do Seu Mauro”) com quase 3.000 títulos, devidamente catalogados.

Pedro Galuchi

Pedro Galuchi, nascido em S.Paulo, 1955. Membro da Academia Itanhaense de Letras - cadeira 18 (Monteiro Lobato). Poeta, cronista, foi professor de Educação Física e Diretor de Escola da PMSP. Livros publicados: "À Independência, Entre Rios", "Falando de amor e outras coisas mais", "Vampiros... do outro lado do muro", "Caminhos do Mar", "Cenas Urbanas", "Resistência".

Valentina Silva Ferreira

Autora de *Distúrbio* (Ed. Estronho, 2011) e *A Morte é uma Serial Killer* (Ed. Estronho, 2012). Co-autora em mais de vinte antologias portuguesas e brasileiras. Organizadora da coletânea *Insonho - Durma bem!* (Ed. Estronh, 2015). Vencedora de prêmios literários nacionais e internacionais. Tem o conto *Mena*, ou tantos outros (Ed. Illuminare, 2015) traduzido e editado na Argentina. Dinamizadora do Projeto *Escrita Fantástica*, desde 2013. Feminista, vegana e mãe de vinte animais.

Sobre os ilustradores

Cláudia Vitale

Claudia Vitale, paulistana, 58 anos, artista plástica e artesã. Estuda artes de forma particular, há cerca de 45 anos. Frequentou a Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Dedicou a maior parte de sua vida ao comércio. Atualmente estuda Gestão Comercial na Universidade de Sorocaba (Uniso). Em suas pinturas, destaca-se a combinação da aquarela com os bordados.

Milton Jonas Martins

Jonas Martins, 24 anos. Estudante de Letras pela universidade de Sorocaba e ator do grupo de teatro universitário Katharsis. Influências: Banda rock alternativo Libertibes e artistas como Levalet, Dani Olivier, Pete Doherty, Emil Nolde, Oskar Kokoschka e Egon Schiele.



Josely
Martins 2017